
Comunicação, Política e Gêneros: a construção identitária de minorias na série

“Anne With an E” da Netflix¹

Isabella Coelho Mol SANTOS²

Lara Cristina REIS SANTOS³

Luiz Ademir de OLIVEIRA (Professor Orientador)⁴

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

RESUMO: O artigo analisa a série “Anne With an E” (exibida de 2017 a 2019 na CBC e Netflix), que conta a história de uma criança ruiva e órfã, que desafia os espaços da mulher em um cenário do século XIX. Pretende-se estabelecer um debate sobre o papel das mídias como instância de lutas das minorias, ao entender como “Anne” reforça e/ou rompe com visões patriarcais, machistas e estigmatizantes com base nas construções identitárias de minorias presentes no seriado. Discute-se o uso de estratégias da Indústria Cultural, a partir do diálogo entre diferentes tradições das Teorias da Comunicação, como a Teoria Crítica ou Escola de Frankfurt (Adorno e Horkheimer, 2000), Teoria Culturalógica (Morin, 1997) e dos Estudos Culturais (Williams, 2011). Narrativa, personagens e como são construídas as representações das minorias são as categorias da Análise Fílmica (Penafria, 2016) feita.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias da Comunicação; Ficção Seriada; Indústria Cultural; Anne; Minorias;

1 INTRODUÇÃO

Adaptada pela atriz e roteirista Moira Walley-Beckett para a CBC, e transmitida na Netflix, “Anne With an E” foi baseada na saga de livros da escritora Lucy Maud Montgomery: “Anne of Green Gables”. A obra narra a história de uma jovem órfã adotada por engano por dois irmãos: Matthew e Marilla Cuthbert. Tendo os próprios livros sido um marco para a população canadense, a série não foi diferente; lançada em 2017, ela logo foi reconhecida no país e, mais ainda, no mundo.

¹ Trabalho apresentado ao IJ04 – Comunicação Audiovisual do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, que acontece de 05 a 08 de setembro de 2023, na PUC-Minas, em Belo Horizonte.

² Graduanda do 4º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de São

João del-Rei (UFSJ). E-mail: coelho640@gmail.com

³ Graduanda do 4º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: larareis1738@gmail.com

⁴ Bolsista de Produtividade CNPq- Nível 2, Mestre e Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ, Mestre em Comunicação Social pela UFMG, é docente e pesquisador do Curso de Comunicação Social – Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PROMEL) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), além de atuar também como professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFJF. E-mail: luizoli@ufsj.edu.br.

“Anne” foi considerada, em dois anos consecutivos (2018 e 2019), a melhor série de drama atual, ao ganhar o prêmio “Canadian Screen Award de Melhor Drama”. Além disso, três de seus protagonistas receberam prêmios de melhores atores e coadjuvantes durante as gravações. Com três temporadas de com nove episódios cada, a série conta a história de uma criança órfã, ruiva, faladeira e magra, que, por engano, é tirada do orfanato em que cresceu e levada para a Ilha do Príncipe Eduardo, para morar em Green Gables. Logo ao chegar na fazenda, a menina já é surpreendida com mais uma de suas decepções: Matthew e Marilla estavam em busca de um rapaz que pudesse auxiliá-los com os trabalhos braçais na fazenda e não de uma garota.

Desde o início da história, Anne desafia os espaços da mulher e luta contra os preconceitos vigentes numa sociedade do século XIX. Ao longo das temporadas, a Anne questiona o papel socialmente reservado às mulheres, numa forma de questionar os modelos patriarcais, como o casamento, as tarefas diferenciadas para meninos e meninas. A aventura de Anne na cidade de Avonlea, recheada de emoções, polêmicas, quebra de padrões, descobertas e poesia, suscita reflexões sobre o papel da mulher. Para o espectador, a série é uma bela redoma de aprendizados, em que a garota gera identificação com a habilidade em colocar-se em confusões e cometer erros e aprender.

Ao misturar a narrativa dos livros com pautas atuais, o seriado lida com o preconceito, a homofobia, o *bullying*, o trabalho infantil, a divisão de classes, o ensino opressor nas escolas do passado e as lutas de minorias, como as mulheres, os indígenas, as pessoas LGBTQIAPN+, os órfãos e os negros. Sendo assim, mais do que retratar problemáticas do passado, “Anne With an E”, promove a reflexão de que muitos estigmas (Goffman, 1982), presentes no século XIX, mas que perduram até hoje, século XXI, e precisam ser eliminados.

Assim, é analisada a série “Anne With an E” tanto sob a ótica das Teorias da Comunicação quanto por um olhar sobre o debate de mídias e de luta de minorias, para entender quais são as representações desses grupos na série e de que forma ela reproduz ou rompe com visões patriarcais, machistas e preconceituosas. Também, como reforçam a lógica da Indústria Cultural (Adorno e Horkheimer, 2000) e da Cultura de Massa (Morin, 1997), ou são uma forma de resistência, pensada a partir dos Estudos Culturais (Escosteguy, 2001). Quanto ao estudo das identidades, mídias e gênero, parte-se de uma perspectiva construcionista, de que, segundo Peter Berger e Thomas Luckmann (2007),

o ser humano não nasce membro da sociedade, mas é inserido nela a partir do aprendizado de suas regras, comportamentos e valores. O trabalho tenta entender as representações da mulher em produtos culturais, o que está cada vez mais presente na academia, seja pela maior presença de figuras femininas em lugares de protagonismo, seja pela inserção de mulheres em ambientes acadêmicos. Por fim, realiza-se uma Análise Fílmica de Penafria (2009), a fim de dividir o conteúdo da série, visualizá-lo de forma mais ampla, e entender como ele se relaciona com as propostas feitas.

2 FICÇÃO SERIADA À LUZ DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

A Teoria Crítica foi formulada pelos teóricos da Escola de Frankfurt ou Instituto de Pesquisas Sociais e foi uma das principais correntes de análise crítica sobre o capitalismo tardio no século XX. Fundada em 1923, na Alemanha, a Escola de Frankfurt reuniu um grupo de pesquisadores do Instituto para desenvolver um estudo que analisasse a sociedade capitalista pós Revolução Industrial, que vivia a Indústria Cultural. O contexto era um mundo excentricamente industrializado, no qual até mesmo a cultura foi adotada em um viés financeiro. Isto é, um mundo em que os produtos culturais tornaram-se sujeitos e propagadores do capitalismo.

Para Adorno e Horkheimer (2000), parte-se da ideia de que a Indústria Cultural surge da cultura desenvolvida de forma supostamente espontânea pelas próprias massas, mas se trata de um fenômeno gerado pela própria racionalidade técnica que permeiam as cadeias produtivas que se interligam para garantir produção em série, padronização, alienação do trabalhador e do consumidor bem como eliminar o caráter artístico. Conforme Oliveira (2022), a Teoria Crítica, em geral, possui um enfoque pessimista e apocalíptico da sociedade moderna e acredita que ela está perdendo a sua individualidade, diversão, ciência e cultura para a robotização e para a alienação, em função da própria racionalidade técnica que permeia a produção em larga escala dos produtos culturais. Isso porque o público teria parado de se interessar em pensar e discutir o que vê nas mídias e passou a aceitar a mensagem pronta que elas passavam. Por isso, até a reação dele poderia ser premeditada pelos produtores de conteúdo.

Segundo os pensadores, tudo funcionaria em um sistema harmônico, em que um acontecimento influenciaria e auxiliaria o outro; ou seja, em uma cadeia produtiva em que uma indústria aciona diversas outras. Por exemplo, uma série de época remete, por

meio da exibição em seu conteúdo, a grandes grupos de mídia, alimentados por indústrias publicitárias de diversos ramos, como marcas de roupas, de carros, de perfumes, etc. - o que estaria deixando questões públicas, de interesse coletivo, de lado.

Trata-se, assim, de uma das estratégias da Indústria Cultural, junto a pseudo-individualidade, criação de estereótipos, padronização, maniqueísmo e hierarquização do produto, a fim de manipular o público. No caso da série, ao passo que ela adapta uma história de livros famosa, ela atrai os fãs que têm os livros infantis no imaginário coletivo e nas lembranças de infância. Simultaneamente, conduz os que não conheciam a história, mas assistiram a série, aos livros. De qualquer forma, todos contribuem para alimentar as cadeias produtivas e são supostamente recompensadas, tendo em vista que se trata de uma fuga não somente da realidade, mas de qualquer forma de resistência, conforme pontuam Adorno e Horkheimer (2000). Eles afirmam que, ao se divertirem, os públicos estão assimilando valores e a lógica do sistema produtivo.

Segundo Oliveira (2022), a indústria cultural aciona várias estratégias para garantir o controle do público: padronização, estereótipos, hierarquização do público e maniqueísmo. Quanto à padronização, faz com que produtos tenham uma grande semelhança e fiquem cada vez mais familiares ao público que, ao consumir, não precisa se surpreender, raciocinar. Isso vale para o Padrão Globo de Qualidade, tão familiar ao espectador brasileiro e de dezenas de outros países, já trabalhado há mais de 50 anos nas telenovelas e nos telejornais, entre outros produtos de entretenimento. Oliveira (2022) afirma que a indústria cultural aciona também a criação de estereótipos e o maniqueísmo (bem *versus* mal), que geram fácil identificação com o produto e premeditam, por exemplo, o tempo de duração, os conflitos e as próprias falas dos personagens, além da eterna luta entre o bem e o mal, os heróis e os vilões. Quando se começa a assistir um seriado, rapidamente o espectador identifica o perfil dos personagens, que será do bem (heróis e heroínas) e os do mal (os vilões). Isso se repete até com a recorrência aos mesmos atores e atrizes que já estão inseridos em determinado modelo ou estereótipo, como atrizes que sempre fazem papel de mocinha etc.

Outra estratégia é a hierarquização do produto, que segmenta o produto para um público específico. Os melodramas, por exemplo, são voltados para um público menos crítico, que se interessa por enredos de fácil assimilação. Nesse contexto, também se insere “Anne With an E”, que é feita para que, mesmo quem já conheça o tipo de obra

que inspirou a série, o espectador possa se envolver com os personagens fortes e com uma época diferente da sua. Assim, ele é levado a distrair-se, emocionar-se e inspirar-se enquanto passa horas consumindo de forma passiva aquele conteúdo.

Portanto, tendo como base os estudos críticos dos pensadores da Escola de Frankfurt, pode-se compreender os fenômenos da indústria cultural de hoje, como o cinema hollywoodiano, a teledramaturgia mexicana e brasileira, e os seriados. Estes, desde os anos 2000, passaram a ter destaque, tomando os canais de televisão e, em seguida, de *streaming* - como *Netflix*, *Amazon Prime*, *HBO* e *Globo Play*. A entrada da web 2.0 e as mudanças no sistema de consumo de TV, que leva ao auge da centralidade da TV aberta (modelo *broadcasting*), como no Brasil, em que a audiência chegava a mais de 50,0 pontos de audiência. O sinal é transmitido de forma mais unilateral, sem deixar possibilidades para que o público mude o conteúdo. Nos anos 90, emerge o modelo *narrowcasting*, com a TV segmentada, em que o público começa a poder optar por conteúdos ao acessar canais do seu gosto: esportivos, culturais, políticos etc. A partir dos anos 2000, emerge o modelo *networking*, em que é marcado pelo digital, com uma grande diversidade de canais e a possibilidade de escolha do espectador diante, dos grandes grupos que controlam tais canais, como *Netflix*, *Globo Play*, *HBO*.

Dessa forma, com base nos conceitos de Adorno e Horkheimer (2006), entende-se que “Anne With an E” se mostra como mais uma carta no jogo financeiro das indústrias. Em se tratando de seriados como este, que seguem o modelo de época da teledramaturgia, torna-se possível antecipar, mesmo sem acompanhar todos os episódios, o perfil dos personagens e o que acontecerá no final. O seriado integra o processo de serialização surgido antes mesmo da Indústria Cultural, com a literatura, as radionovelas, os folhetins, entre outros (Machado, 2000). Trata-se da “ficção seriada”, que são conteúdos ficcionais adaptados para serem séries, isto é, terem uma sequência de fatos conectados entre si, sendo elas televisivas ou não. Nesse caso, “Anne” é o resultado da padronização de séries de épocas, tais como: *Bridgerton* (2020), *The Crown* (2016), *Outlander* (2014), *Reign* (2013), *Peaky Blinders* (2013), entre outras.

Destoando da perspectiva crítica dos filósofos da Escola de Frankfurt, o filósofo francês Edgar Morin (1997) formula a Teoria Culturológica. Apesar de concordar com a industrialização que acometeu a esfera da arte e da cultura, Morin acredita que não se deve dar poder somente ao modelo burocrático da Indústria Cultural, uma vez que ainda

existem brechas para a inovação e arte. Para isso, ele conceitua a “Cultura de Massa”, gerada pela mídia - cultura com símbolos, valores, mitos e imagens relacionados à vida cotidiana do indivíduo e com o imaginário coletivo. Assim, Morin (1997) assume uma visão ponderada sobre o impacto do capitalismo e da tecnologia sobre o universo das artes, entendendo que há pontos positivos na Cultura de Massa, como a democratização no acesso aos bens simbólicos. Mas ele concorda sobre o caráter fortemente mercadológico dos produtos culturais como válvula de escape da realidade frustrante.

Ao explicar o conceito de cultura de massa, Morin (1997) aponta algumas características dessa Cultura. Uma das principais é a emergência dos olímpicos da era moderna ou mitos: as celebridades, que “têm” dupla natureza - divina e mortal. Usualmente, atores que trabalham como teledramaturgia são os que se tornam ícones e atraem fãs, ainda mais hoje com as redes sociais. Ademais, há o “Grande Público”, em que se têm a homogeneização e padronização das temáticas para atingir o maior público possível, apropriando-se, por exemplo, de conflitos que são universais. Com essa estratégia, tem-se o fim de barreiras entre estratos sociais, a criação de programas voltados para mulheres e crianças e a junção da realidade e da ficção. Assim, um seriado visa, por exemplo, tornar tanto pessoas novas quanto velhas, audiência, rompendo a barreira entre elas. Outro elemento é “*Happy end* e simpatia”, que é explorado em seriados para oferecer um final feliz para o público. Ademais, eros cotidiano, amor e juventude são outras características que permeiam os produtos midiáticos, desde seriados, novelas, publicidades até o campo jornalístico.

Identifica-se, no seriado “Anne”, várias destas características. Nota-se a diferença entre a história dos livros e a da série, já que a série foi feita para incluir novos personagens e histórias que fizessem com que o público atual se identificasse, como personagens negros, indígenas e do grupo LGBTQIAP+, que não estavam presentes anteriormente. A história que atrai os mais velhos por sua filosofia e crítica social, também, pode ser vista pelos mais novos que se encantam com as brincadeiras entre as crianças da série. Observa-se a busca pelo final feliz.

OS ESTUDOS CULTURAIS

Traçando um panorama das Tendências Contemporâneas da Comunicação, destacam-se os Estudos Culturais que têm como um dos precursores o sociólogo e

teórico da comunicação e da cultura, Raymond Williams (2011). Emergindo nos anos 50 na Inglaterra e tendo se consolidado a partir dos anos 70 como um campo teórico e metodológico multidisciplinar, entende-se que é necessário não somente estudar as chamadas culturas eruditas, mas também as das classes minoritárias. Nesse cenário, compreendem-se as mídias como espaços de disputas simbólicas em que grupos contra hegemônicos podem construir formas de resistência.

Raymond Williams (2011), um dos precursores dos Estudos Culturais, problematiza o debate sobre cultura vinculando-a ao contexto social. Ele enfatiza a importância de se entender que existe uma estrutura dominante na qual se inserem práticas e expectativas (como é o caso da indústria cultural), mas que abarca o entendimento da natureza do ser humano e de suas relações sociais e culturais. Segundo Williams (2011, p.53), a “hegemonia constitui, então, um sentido de realidade para a maioria das pessoas em uma sociedade, um sentido absoluto por se tratar de uma realidade vivida além da qual se torna muito difícil para a maioria da sociedade mover-se, e que abrange muitas áreas de suas vidas”. Hegemonia foi formulado por Antônio Gramsci, marxista italiano, e William criou o conceito de contra hegemonia.

Entretanto, tendo ciência de que a cultura dominante é histórica e mutável, cumpre procurar um dos pontos centrais para a sua conservação ao longo do tempo. Williams (2011, p. 53-54) evidencia o processo de incorporação como elemento essencial para a manutenção da cultura dominante. Trata-se do que o autor conceitua como contra hegemonia. Por isso, com base nos Estudos Culturais, pode-se pensar a mídia como uma arena de disputas por hegemônias e contra hegemônias, como se dá, por exemplo, com a inserção e o protagonismo de minorias.

Assim, os Estudos Culturais articulam as ideologias, os valores e as representações do sexo, raça e classe na sociedade, e como esses fenômenos se relacionam entre si. Enquanto, para Kellner (2001), e o conceito de Indústria Cultural, os produtos são vistos como modeladores de paradigmas da vida cotidiana, já que eles têm o papel de definir identidades e os valores que permeiam a vida das pessoas. Criam, assim, repertórios culturais dos quais o indivíduo, situado na sociedade tecno capitalista, extrai suas orientações identitárias.

Nesse sentido, nos seriados de época pode-se identificar representações do feminino completamente vinculadas a uma visão tradicional ligada à sociedade

patriarcal, como aponta Castells (1999). Neles, mulheres são construídas sob uma ótica de que são frágeis e dependem de um casamento com um homem bem-sucedido para serem felizes, clichês muito explorados em folhetins conservadores. Segundo Beauvoir (1980), a sociedade constrói representações e no caso das mulheres elas não são definidas pelo biológico, mas pela forma como são socializadas – tornam-se mulheres. Conforme analisado em “Anne”, ela, por ser mulher, não era vista como uma força de trabalho braçal eficiente para a fazenda. Além disso, em um dos episódios, quando a personagem ruiva se recusa a ir para aula, resta a ela apenas uma opção, de acordo com o pastor da cidade: preparar-se para se casar. Ao mesmo tempo, constata-se no seriado “Anne” um espaço de luta hegemônica, à medida em que, dentro da própria história, os personagens se articulam para protestar contra as estruturas patriarcais da sociedade de sua época. Isso acontece em muitos momentos, quando, por exemplo, eles lutam para manter o jornal da escola, para ter voz, para ter uma professora mulher, entre outros.

“NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER”

Sobre o estudo das identidades, mídias e gênero, parte-se de uma perspectiva construcionista. Conforme Peter Berger e Thomas Luckmann (2007), o ser humano não nasce membro da sociedade, mas é inserido nela a partir do aprendizado de suas regras, comportamentos e valores, passando a reconhecer o lugar que ocupa no mundo. Avelar (1989) afirma que, ao pensar sobre socialização, torna-se relevante compreender a diferente inserção de homens e mulheres na sociedade, uma vez que, primeiro, a hierarquização de valores é diferente de acordo com o gênero do indivíduo, e, depois, que a ideia de gênero é construída e desconstruída pelos produtos culturais, como as adaptações das obras para a ficção seriada. A socialização ganha novas proporções com a interferência da mídia, capaz de levar às mensagens dissociando tempo e espaço.

Avelar (1989) discorre que, no processo de socialização, há uma hierarquização de valores, organizados em um sistema de prioridades, que se diferenciam de acordo com o gênero do indivíduo e fornecem elementos fundamentais para a formação da sua personalidade. Nesse sentido, às garotas transmitem-se valores com maior foco na dependência, obediência e importância do comportamento maternal, relativos à emoção e ao ambiente privado. Já aos garotos, repassam-se valores como independência, auto realização e importância do desempenho, relativos à razão e ao espaço público.

Tais padrões oferecidos a cada gênero são naturalizados e, usualmente, qualificados como expressão de forças biológicas e psíquicas, momento em que se apaga o caráter social de sua construção. Isso é reforçado pelo audiovisual, em cenas e histórias em que o herói salva a donzela em perigo. Segundo Avelar (1989), as agências de socialização (família, escola, mídia etc.) são responsáveis pelo “condicionamento cultural” e pela transmissão de valores conforme gênero.

Segundo Leontiev (1978), estes valores mencionados são gerados e concentram-se nas mãos dos indivíduos os quais possuem riquezas materiais e, por assim dizer, a cultura intelectual. Os mesmos tentam privar as demais classes de terem consciência crítica, mantendo assim a ordem social vigente. Esse viés liga-se à produção de conhecimento, mas também à comunicação do mesmo, tendo em vista que a mídia interfere na sociedade e atua como instância capaz de construir a realidade.

Grosfoguel (2016), que trata o racismo/sexismo epistêmico como um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo, explica que o privilégio epistêmico dado aos homens brancos ocidentais criou formas para que o conhecimento fosse gerado ancorado na injustiça cognitiva e em mecanismos que se propagam livremente. Assim, eles passaram a definir o que é a verdade, a realidade e o melhor para os demais, além de exercerem um monopólio do conhecimento. Nesse sentido, essas pessoas promovem a perpetuação do racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e vozes críticas que regem o sistema-mundo que estão inseridas.

Aqui, percebe-se que as questões de identidade seguem estruturadas na dominação masculina e, dessa forma, vê-se a relevância de discussões de gênero. Mais ainda, a forma como as instâncias socializadoras, como os meios de comunicação e seus diversos produtos, contribuem para a formação ou mudança desses padrões de comportamento calcados na opressão, exclusão e divisão.

ANÁLISE FÍLMICA DE PENAFRIA: “O DIFERENTE NÃO É RUIM, SÓ NÃO É O MESMO”

A Análise Fílmica de Penafria (2009) pretende analisar o produto para entender as suas nuances, a fim de compreender também quais são os diálogos propostos com os campos sociais e políticos a partir dos seriados, visto que há um debate que permanece

muito atual sobre a indústria cultural e o seu poder de interferência no consumo e no universo da cultura e da arte.

Inspirado no clássico "Anne de Green Gables", "Anne with an E" é um seriado de sucesso da plataforma de streaming *Netflix*. Situada na década de 1890, a história retrata as aventuras de Anne, uma menina órfã que, apesar da pouca idade, já enfrentou muitos problemas. Após treze anos presa ao sistema assistencial, ela é adotada por engano pelos irmãos, Marília e Matthew Cuthbert e passa a residir em Avonlea. Com sua personalidade espirituosa, Anne transforma a vida das pessoas ao seu redor.

Por mais que o enredo não se passe na atualidade, os temas abordados na série não são pertinentes apenas à época retratada, afinal, também se fazem presentes nos dias atuais, onde são amplamente debatidos. Assim, a homofobia, o racismo, o conservadorismo e, principalmente, o feminismo estão entre os assuntos explorados. Vivendo em uma sociedade patriarcal na qual imperam ideais misóginos e discriminatórios, Anne não deixa que as amarguras da vida lhe imponham limites. Portanto, com sua mente aberta, imaginação fértil e forte intelecto, a garota questiona a estrutura social, desafiando o sistema. Como apontam Berger e Luckmann (2007), as pessoas são produtos e produtores da realidade social, numa visão dialética, podendo se conformarem ou tentarem mudar a estrutura.

Acerca do machismo, constantemente, a personagem mostra-se insatisfeita com as disparidades existentes entre os gêneros. Em certa cena, quando repreendida por trabalhar na fazenda dos irmãos, ela diz não entender o motivo para tal impedimento, pois, em suas palavras: "As meninas podem fazer tudo o que os garotos fazem, e mais!". "A senhora se considera frágil e incapaz? Porque eu não me considero", questiona dirigindo-se a Marília. Percebe-se, como apontam Miguel e Biroli (2014), que a desigualdade de gênero é uma construção social e vinculada a relações de poder.

Outras repressões normalizadas pela sociedade, também, são retratadas pela série. Logo no primeiro episódio, responsável por lançar o seriado ao mundo, a personagem título faz uma amiga, Diana Barry. Esta revela à Anne seu gosto por livros, entretanto, menciona a desaprovação de sua mãe, a qual prefere que se ocupe com bordados. Evidenciando novamente a forma pela qual a população feminina é doutrinação pelo sistema machista, na segunda temporada, ao ser perguntada se almeja ser pianista, Diana responde, em tom conformista, que esta não é sua pretensão, pois,

provavelmente, manterá o piano como um lazer recreativo, e isto apenas se seu marido concordar. À vista disso, sua tia, Josephine Barry, a contradiz, dizendo ser totalmente válido almejar expandir os horizontes para além dos cuidados com a casa. Pode-se fazer um diálogo com Williams (2011), sobre os movimentos contra hegemônicos na mídia.

Na primeira temporada, em seus primeiros momentos na instituição de ensino de Avonlea, Anne depara-se com a normalização do assédio. Sua amiga diz não haver razão para alarde, porque "são meninos sendo meninos". Entretanto, revoltada, a garota pontua: "uma saia não é um convite". Sobre isso, Bourdieu (2002) alerta para a dominação masculina e como ela atua a partir da violência simbólica imposta à mulher de várias formas, desde a violência física, até a violência psicológica, entre outras.

O casamento como ferramenta de submissão feminina também é criticado, além de se mostrar contrária à ideia de ser "uma propriedade bonitinha", que não possui voz ou ambição. A protagonista descreve seu modelo de casamento ideal: "Seremos iguais e parceiros (...) ninguém deveria ter que desistir de seus anseios". O casamento entra novamente em pauta quando Prissy Andrews decide abandonar sua cerimônia de noivado para se dedicar aos estudos, colocando seus interesses profissionais à frente do matrimônio. Nesta mesma cena, com o apoio que Anne e outras meninas da escola dão a Prissy, e a sonoridade ganha espaço.

Na terceira temporada, a nova professora de Avonlea, Miss Stacy, é criticada por não se enquadrar aos padrões sociais impostos sobre as mulheres, no caso, o alarde em torno de suas escolhas de vida repousa no fato de a personagem utilizar calças e ter optado por não se casar novamente, após tornar-se viúva. Ainda nessa temporada, cansadas de narrativas que restringem a figura feminina, Anne e suas amigas de escola reúnem-se no campo à noite e fazem um pequeno ritual para proclamarem seus direitos e se exaltarem como mulheres. (Williams, 2011).

Dentre outras narrativas feministas levantadas e problemáticas expostas, há o episódio em que uma garota é assediada. Quando a situação foi descoberta, diversos moradores a culpabilizam pelo ocorrido, ausentando o agressor de qualquer culpa. Conseqüentemente, em completo desacordo, Anne começa a pôr sua frustração no papel, escrevendo, assim, um texto sobre os direitos das mulheres. Por fim, terminada a denúncia, ela publica seus escritos no jornal de sua instituição de ensino, o qual é propagado por todo o vilarejo. Em reprovação à publicação, o Conselho de Avonlea

destrói a imprensa estudantil, mas a personagem, junto dos demais alunos, decide lutar pela liberdade de imprensa, organizando uma manifestação contra a decisão do Conselho.

Quanto às questões raciais, na segunda temporada, Sebastian Lacroix é inserido na trama, abrindo espaço para que uma série de injustiças sejam expostas. Filho de uma família escrava, o personagem nasceu livre, entretanto, apesar da abolição da escravidão, ele segue a lidar com preconceitos, os quais continuam a imperar fortemente na sociedade. Trabalhando em um barco a vapor, Bash conhece Gilbert Blythe (amigo de Anne). Assim que se encontram, ambos acabam se envolvendo em certo desentendimento com o chefe do barco. Por isso, após o fim do conflito, Sebastian pede ao garoto para que evite tais situações, "Não me faça perder o emprego. Você é branco, tem opções. Eu preciso disto". Evidenciando, assim, os impactos do preconceito racial, que, dentre tantos problemas, gera a escassez de oportunidades para a população negra.

Após um tempo, Blythe e Bash tornam-se amigos e decidem trabalhar juntos em Avonlea. Mas, antes disso, desembarcam em uma pequena cidade chamada Trindade. No local, um homem avista Sebastian e presume que ele o servirá, então, sem qualquer tato, o pede para que vá ao estábulo alimentar seu cavalo. Gilbert se revolta com a atitude, ao que seu amigo responde: "Se chorássemos sempre que acontecesse, Trindade inundaria".

Em Avonlea, apesar da cumplicidade entre os dois parceiros, Lacroix enfrenta diversos preconceitos, por isso, em uma tentativa de encontrar paz, o personagem vai ao gueto. A população da região é predominantemente negra e a precariedade da infraestrutura destoa das construções do restante da cidade. Viver na localidade não é uma opção, mas sim fruto da segregação provocada pelos preconceitos. Em determinada cena, Gilbert se dirige a algumas moças em uma lavanderia do gueto e às pede indicações de hotel, para que ele e Bash possam se hospedar. Em resposta, uma delas ri em desdém, dizendo que dificilmente achariam hotéis para hospedar uma pessoa negra.

Ao tratar das representações da comunidade LGBTQIAPN+, a série expõe preconceitos e traz a representatividade homoafetiva por meio da inserção de dois personagens, Josephine Barry e Cole Mackenzie. Na segunda temporada, para defender sua amiga, Anne, Cole envolve-se em uma briga, na qual acaba levando a culpa por uma janela que outro garoto quebrou. Por mais que o verdadeiro autor do problema estivesse

evidente, o professor Philips decide castigá-lo e o chama de perturbador, fazendo referência a sua sexualidade. Deixando a sala de aula, o menino recusa-se a sofrer consequências por algo que não fez. Mais tarde, é revelado aos telespectadores que o Sr Philips é homossexual. São os estigmas, em que minorias são tratadas como diferentes, “estranhas”, que fogem à normalidade, como aponta Goffman (1982).

Além da discriminação propagada pelo professor em diversas situações, Cole tem de lidar constantemente com o *bullying* por parte de seus colegas da escola. Porém no mesmo episódio, ele vê em Anne um porto seguro e, ao contar sobre sua sexualidade para ela, é recebido com carinho e apoio. Em certo momento, o menino diz que a lei não aprova sua existência, então, ao ouvir isso, a garota pontua que a lei está errada.

Em relação à segunda temporada, a história da tia de Diana, Josephine Barry, é explorada. Após serem convidados por Josephine para uma festa recheada de pessoas de mente aberta, tanto Anne, como Cole e Diana descobrem que a mulher viveu um romance com Gertrude. Em conversa com a personagem, Barry conta que conheceu sua alma gêmea em uma livraria e, assim, as duas viveram felizes juntas, sem que a sociedade soubesse. Ao descobrir sobre o casal, Diana fica desconfortável e diz que tal relação não pode ocorrer, pois "não é natural". Mas Anne a retruca e, depois de citar uma declaração feita de Gertrude para Josephine, questiona: "como diz isso quando palavras tão bonitas foram escritas de uma à outra?" No fim do dia, com o encerramento da festa, a protagonista diz a Marília que aprendeu algo sobre o amor e começa a pontuar seus aprendizados: primeiramente ela afirma que amar não é igual para todos e que o amor pode se manifestar de várias formas distintas, por fim, encerra com um questionamento: "o que pode haver de errado em passar uma vida ao lado de alguém que você ama?". Ademais, a descoberta sobre a vida amorosa de Barry traz conforto para Cole, que confia a ela sua sexualidade. A situação aproxima os personagens e, depois, o garoto passa a viver com a senhora, livrando-se das inseguranças que anos de homofobia lhe causaram.

A terceira temporada, por sua vez, conta com a representatividade indígena. A repressão e o racismo sofridos por esses povos são retratados, por exemplo, quando a personagem Ka'kwet é retirada de seus familiares para frequentar uma escola residencial para indígenas. Enquanto sua mãe e seu pai acreditam que sua filha esteja sendo bem tratada, a realidade se opõe às expectativas. Impossibilitada de ir e vir, em sua estadia na

instituição, Ka'kwet sofreu agressões físicas, verbais e culturais, tendo sua língua, costumes e tradições negadas. No lugar de sua rica cultura, lhe foram impostos costumes hegemônicos. Assim, a garota foi obrigada a se comunicar em inglês e a aderir ao cristianismo. Outra cena de desumanização da população indígena ocorre quando Stacy e seu grupo de alunos encontraram crianças do povo Mi'kmaq, o que levou certos estudantes à agitação. Chamando-as de selvagens, muitos começaram a se dispersar, demonstrando pavor e aversão com relação aos povos indígenas.

Em decorrência disso, verifica-se que "Anne with an E" expõe agressões vivenciadas por grupos minoritários, dando voz a indivíduos marginalizados pela sociedade. No entanto, tal como Anne, a série mantém seu otimismo em grande parte dos momentos. Assim, sobre a forma de frases e atitudes da protagonista e demais personagens, ideais de justiça são reforçados, um exemplo disto é a icônica frase da personagem principal: "O diferente não é ruim, só não é o mesmo".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o seriado "Anne With an E" reproduz a lógica da Indústria Cultural, assim como apontado por Adorno e Horkheimer (2000), mas entende-se que a audiência não foi homogênea - isto é, que a sociedade teve uma reação ativa frente ao produto. Isso porque ela impactou, entre outros, nos roteiros que foram feitos, que se diferenciam um tanto considerável da história original dos livros de Lucy Maud Montgomery, como vislumbra Morin (1997), Kellner (2001).

A série, ao contrário do livro, tornou a representação da sociedade da época um pouco mais tolerável às mudanças, adicionou personagens que representavam minorias femininas, negras, indígenas e LGBTQIAP+, e deu vozes a eles, criou cenas de protagonismo de grupos não hegemônicos, entre outros. Isso tudo para conseguir atingir positivamente a sociedade atual, o "Grande Público", de forma a conversar com as diferentes correntes do momento. Tem a ver com a inserção de movimentos contra hegemônicos (Williams, 2001). O seriado é capaz, além do mais, de estabelecer um espaço de luta de minorias, como dito possível pelos Estudos Culturais, a partir dos protestos e mensagens presentes nos episódios.

Por fim, vê-se que "Anne", mesmo assim, é um tanto quanto fiel à história original e aos padrões vistos no momento de socialização da sociedade, e reproduz as

representações tradicionais da mulher. Contudo, lançada em contexto mais contemporâneo do que os livros e sabendo que a mídia interfere na sociedade e é capaz de construir a realidade, percebe-se que “Anne With an E” faz o possível para se tornar um espaço de quebra de padrões, que dá voz às lutas de grupos contra hegemônicos e tenta promover a conscientização e a propagação das problemáticas que cercam estes. Isso acontece através da aceitação dos personagens que os representam e do debate acerca de suas dores e de seus objetivos, durante os episódios da própria série.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. “Indústria cultural. O Iluminismo como mistificação das massas”. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teorias da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 169-214.
- AVELAR, Lúcia. **O Segundo Eleitorado: tendências do voto feminino no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2. ed., 1989.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- KELLNER, Douglas. **A cultura das mídias**. São Carlos: EDUSC, 2001.
- LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.
- MACHADO, Arlindo. **A Televisão Levada a Sério**. São Paulo: Editora Senac, 2019.
- MIGUEL, Luís Felipe.; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. São Paulo: Boitempo, 1 ed., 2014.
- MORIN, Edgar. **Culturas de massas no século XX**. Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- OLIVEIRA, L. A. **Apostila de Teorias da Comunicação**. São João del-Rei, 2022.
- PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **Anais do VI Congresso Sopcom**. 2009. p. 6-7.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.